

ENOITECER OS AFETOS: NOTAS SOBRE O AVESSO DA PELE DE JEFERSON TENÓRIO

DARKENING AFFECTIONS: NOTES ON JEFERSON TENÓRIO'S O AVESSO DA PELE

Wanderson Barbosa dos Santos.¹

RESUMO

Este ensaio apresenta uma reflexão na forma de uma crítica literária do romance *O avesso da pele* de Jeferson Tenório. A partir do romance, discutiremos questões referentes ao tema da formação da negritude e sua relação com as expressões do racismo na sociedade brasileira. Pensando a obra como um documento estético e histórico-cultural, olharemos tanto para as questões referentes à elaboração literária do texto, como também para os sentidos críticos que o texto direciona para o contexto social atual. Assim, entendemos que, como obra literária, o romance rascunha reflexões que servem de mote para o questionamento dos problemas relacionados ao tema do racismo, ao mesmo tempo que mira para um ideal de formação do negro ancorado em questões de ancestralidade e cultivo do subjetivo, entendido como formação do avesso. A idéia que atravessa todo ensaio é a do enoitecimento dos afetos, entendido como forma crítica e propositiva de transformação da experiência negra no mundo.

381

Palavras-chaves: Afetos; Jeferson Tenório; Memória.

ABSTRACT

This essay presents a reflection in the form of literary criticism of Jeferson Tenório's novel "O Averso da Pele." Through the book, we will discuss issues related to the formation of blackness and its relationship with expressions of racism in Brazilian society. Considering the work as an aesthetic and historical-cultural document, we will examine both the literary elaboration of the text and the critical meaning that the text directs toward the current social context. Thus, we understand that, as a literary work, the novel sketches reflections that serve as catalysts for questioning problems related to racism while also aiming for an ideal of black formation rooted in questions of ancestry and the cultivation of the subjective, understood as the formation of the "other side." The central idea that permeates the entire essay is the "darkening" of affections, understood as a critical and proactive way of transforming the black experience in the world.

Keywords: Affections; Jeferson Tenório; Memory.

¹ Doutor e Mestre em sociologia pela Universidade de Brasília (UnB). Bacharel em Sociologia e licenciatura em Ciências Sociais pela UnB. E-mail: wanderson_santos@outlook.com.

PAIS E FILHOS

Um dia fomos almoçar num restaurante. E fiquei observando como as pessoas sempre olhavam para ela. Era como se sua cor retinta, os cabelos crespos e o corpo acima do peso fizessem dela sempre uma intrusa. Uma indesejada. E pensei que você nunca tinha me dito nada sobre isso. Sobre suas irmãs, por terem tido pais diferentes, por serem mais escuras que você, e sobre o que elas passavam em Porto Alegre, por serem sempre intrusas numa cidade racista como essa, pensei. Olhei para minha própria pele. E era mais clara que a de meu e minha mãe. E talvez por isso eu tivesse sido parado pela polícia duas vezes até ali. E fiquei pensando na crueldade de tudo aquilo.

O avesso da pele, Jeferson Tenório.

Este ensaio apresenta uma reflexão sobre a obra literária *O avesso da pele* de Jeferson Tenório. Ao longo deste ensaio, analisaremos a obra como um documento estético, mas também como documento cultural de síntese de experiências sociais. Conhecemos através do livro uma história familiar que é atravessada pelos dilemas impostos pela violência racial no Brasil. As memórias de Pedro constroem a vida de Henrique, seu pai. O romance tece a fina de linha de memórias entre pais e filhos. Pedro constrói sua subjetividade, seu avesso, por meio das memórias de seu pai. Mais que uma história entre pai e filho, *O avesso da pele* situa literatura contemporânea frente aos desafios de narrar a vida que se apresenta em cacos. O retrato final da obra é um mosaico de memórias, conflitos, dores e desejo de uma vida marcada na pele. No entanto, antes de reduzir os personagens a cor de sua pele, a obra também mostra o avesso, isto é, o que há por dentro de personagens que são complexos em seus desejos e suas vontades. No âmbito existencial, o romance é uma profunda cartografia sobre o estar no mundo, às vezes como um intruso, outras vezes como convidado. O racismo inviabiliza a morada permanente, o enraizamento somente é possível nos conflituosos afetos familiares. A trama familiar do romance situa Henrique, Martha e Pedro, uma família que vive em Porto Alegre. No que diz respeito a forma, o romance *O avesso da pele* apresenta um narrador que realiza uma leitura de sua vida sob as lentes das experiências recordadas de seu pai, lembrando o leitor que somos uma história, trama familiar, um enlace de biografias. Há

um complexo conceito de formação subjetiva no romance, na medida em que, tal formação sentimental perpassa pelo prisma de uma experiência ancestral. Em algum momento, projetar o futuro é também olhar para o passado. Nas raízes familiares de Pedro estão os sentidos para a sua forma de estar no mundo. Antes que o passado se afirme como uma bagagem impossível de ser carregada, no romance de Jeferson Tenório, é dele que se organizam as forças para reorganizar a raiva e o descontentamento. As afetividades negativas são elaboradas em sua força criadora. A raiva da injustiça que não permite sonhar e não permite viver. Se em 1929, em seu ensaio sobre o surrealismo, Walter Benjamin (1991) diz que a vanguarda inova ao produzir uma organização do pessimismo contra o empobrecimento da racionalidade da vida moderna, a leitura de *O avesso da pele* nos leva também a pensar uma organização política da raiva. A questão injustiça do racismo provoca um olhar insubmisso que é tanto crítico como propositivo. Uma organização dos potenciais de revolta diante das injustiças, do desrespeito e do ódio contra os negros. Catalisar a indignação e a revolta contra um mundo que produziu intrusos. Assim, antes de abafar os sentimentos negativos como expressões daquilo que não deveria existir, vale elaborar o modo como o mundo produz tais formas de sentimentalidade, isto é, de enoitecimento dos afetos. Uma das formas de controle do racismo é justamente o soterramento dos potenciais transformadores dos sentimentos de indignação, leia-se: domesticação da raiva. Aqui não pensamos a raiva em seu resultado bruto e imediato da violência, pensamo-la como a forma base da indignação. No sentido de uma crítica literária, refletimos neste ensaio sobre um conjunto específico de questões encontradas em *O avesso da pele*: o movimento de conscientização racial, os pactos de violência da branquitude e a questão do negro como um intruso no mundo.

1. ENOITECER OS AFETOS

No entanto, agora eu sei que você estava me preparando. Você sempre dizia que os negros tinham que lutar, pois o mundo branco havia nos tirado quase tudo e que pensar era o que nos restava, É necessário preservar o avesso, você me disse. Preservar aquilo que ninguém vê. Porque não demora muito e a cor da pele atravessa nosso corpo e determina nosso modo de

estar no mundo. E por mais que sua vida seja medida pela cor, por mais que suas atitudes e modos de viver estejam sob esse domínio, você, de alguma forma, tem de preservar algo que não se encaixa nisso, entende? Pois entre músculos, órgãos e veias existem um lugar só seu, isolado e único. E é nesse lugar que estão os afetos.

O avesso da pele, Jeferson Tenório.

Preservar o avesso, para nós, significa enoitecer os afetos. Reconhecer que se enxerga melhor no escuro. Rejeitar toda clareza que ofusca a visão das coisas. Enoitecer é cultivar os laços de acolhimento para a experiência negra no mundo. É colocar ao avesso a estética para transformar a autoestima. Contar a história do avesso para mostrar que eles não foram os vencedores. É no desencontro com a cultura entender os lugares que são seus. Enoitecer os afetos para pensar o negro como um sujeito complexo em seus dilemas, sentimentos, conflitos e esperanças. Enoitecer significa que o som dos trovões que anunciam a chegada de nuvens negras anuncia mais que um nublado momentâneo, são, na verdade os sinais da transformação do fim do dia, a noite escura que esteve no avesso. Se o racismo nos transformou em intrusos no mundo é no avesso que buscamos uma morada. Habitar o mundo da interioridade, da formação subjetiva é uma das chaves de leitura de *O avesso da pele*. Mas não podemos confundir o chamado para a interioridade como uma volta para um psicologismo individualista no qual somente importa o eu. Em *O avesso da pele*, o avesso é a nossa história, coletiva, compartilhada e vivenciada por uma ancestralidade. É como se o escritor dissesse que, antes de sermos reduzidos a pele, somos seres de afeto. O mundo que nos fez de intruso também ceifou uma capacidade de nos voltarmos para os lares concretos e os imaginários, aqueles que existiram, mas também os outros que podem ser inventados. O passado foi apagado, mas também querem apagar a utopia de um futuro que é afetivo e acolhedor para as crianças negras que crescem em um mundo em que sua primeira lição é a necessidade de ser forte, ou seja, cerceiam infâncias que são vivas, mas não são mais tão sonhadas. O que é uma criança sem o sonho? O que é uma criança sem a imaginação? Em *O avesso da Pele* de Jeferson Tenório a lição que Pedro aprende de seu pai é a da preservação do avesso, daquilo que vive apesar do mundo. Como uma tese de acolhimento racial, pressuposto para o

florescimento subjetivo, a lição da preservação do avesso aprofunda o aspecto existencial do viver apesar do racismo. O sentimento da incompatibilidade estética, cultural e histórico com o mundo permeia uma experiência racial dos sujeitos que nascem em um mundo herdeiro do colonialismo e do racismo. Construído sob as bases do branqueamento que repele tudo aquilo que não está claro, o sujeito negro ergue-se num contexto em que as definições sobre si mesmo estão postas há séculos. É no avesso do mundo que ele se constrói dos cacos da memória, refugiando em becos de um labirinto de clareza. Preservar o avesso significa escurecer os caminhos, caminhar nas sombras, enxergar melhor no crepúsculo, enegrecer a subjetividade: pensar um romance de formação do negro, eclipsar o cânone e enoitecer as narrativas através do avesso.

2. BATISMO RACIAL

aquilo significava, então você me deu uma aula sobre racismo. Mesmo que para mim fosse difícil compreender. Mesmo que aquela história sobre a cor fosse muito abstrata para mim.
O avesso da pele, Jeferson Tenório.

385

A formação do sujeito negro é atravessada pelos rituais de sobrevivência ao mundo racista. Para existir ao mundo é importante sobreviver a ele. É no batismo racial que o negro aprende a sobreviver, apesar do racismo. Pensamos o batismo racial no mosaico sociocultural do tornar-se negro. Neusa Santos Souza (2021) em seu livro *Tornar-se negro*, apresenta os dilemas de formação subjetiva da negritude. A democracia racial e a branquitude como forma de dominação, impõe ao negro a rejeição de sua identidade racial. Para a autora, para tornar-se gente o negro é violentado em sua identidade racial, precisando abandoná-la para habitar um mundo que se alimenta dos sentidos do racismo, isto é, a “assimilação” na sociedade é feita tendo como contrapartida a renúncia de sua identidade.

Assim é que, para se afirmar ou para se negar, o negro toma o branco como marco referencial. A espontaneidade lhe é um direito negado; não cabe simplesmente ser – há que estar alerta. Não tanto para agir, mas sobretudo

para evitar situações em que seja obrigado a fazê-lo abertamente. (Souza, 2021, p.56).

São nos rituais de batismo racial, de conscientização do racismo, que o negro abandona a espontaneidade da vida para adotar formas de comportamento e de estar no mundo para sobreviver à violência racial. A cena da morte de Henrique, pai de Pedro, é representativa de um momento em que o manual de sobrevivência abrande e o personagem dá margem a uma espontaneidade que lhe é negada, afinal, a descontração é um privilégio branco: “Há que estar sempre em guarda. Defendido. ‘Impor-se’ é colocar-se de modo a evitar a ser atacado, discriminado.” (Souza, 2021, p.56).

O batismo racial são os rituais de iniciação do negro na sociedade racista. Como um ritual de passagem, no batismo racial o sujeito se compreende como negro através da conscientização de sua raça, ao mesmo tempo que incorpora os *habitus* para a sobrevivência no mundo racista. O processo de autocompreensão como sujeito negro é acompanhado pela incorporação e naturalização de formas de sobrevivência no mundo. Nesta socialização racial são inseridos os comportamentos, expectativas e formas evitação de situações de violência racial. Em *O avesso da pele*, Jeferson Tenório preenche o romance várias cenas que revelam o batismo racial como um manual de sobrevivência do negro. Enquanto as crianças brancas se permitem ser, as crianças negras passam por um registro de cultivo de comportamentos como a timidez, a vergonha e o silenciamento como maneiras de evitação da violência. O negro abandona a espontaneidade como forma de evitar à discriminação racial, investe, portanto, em comportamentos para evitar a violência.

Que o seu receio de falar, seu receio de se expor, pudesse ter a ver com as orientações que você recebeu desde a infância: não chame atenção dos brancos. Não fale alto em certos lugares, as pessoas se assustam quando um rapaz negro fala alto. Não ande por muito tempo atrás de uma pessoa branca, na rua. Não faça nenhum tipo de movimento brusco quando um policial te abordar. Nunca saia sem documentos. Não ande com quem não presta. Não seja um vagabundo, tenha sempre um emprego. Tudo isso passara anos reverberando em você. Como uma espécie de mantra. *Um manual de sobrevivência*. (Tenório, 2020, p.88, grifos nossos).

O manual de sobrevivência do negro, transmitido como herança familiar, determina a expectativa de comportamentos que evitam a sua transformação em um suspeito, no criminoso, no violento. Antes de se afirmar por aquilo que está no avesso da pele, o negro precisa se empenhar para comprovar o que não é. O fantasma das imagens pejorativas, impostas pela branquitude, assombram o negro. Em *O avesso da pele*, Jeferson Tenório sublinha que estar em dissonância com as expectativas da branquitude, em suma, determinam a vida ou a morte do negro.

A primeira lição do manual de sobrevivência é se conscientizar que o racismo produz a sua desumanização e o transforma em objeto a ser rejeitado. O reconhecimento da injustiça atravessa o corpo. Embora a injustiça inspire a revolta e raiva. Neste caso, para sobreviver, o manual sugere o silêncio. Não reagir para viver. O batismo racial de um dos personagens de *O avesso da pele* é aos 14 anos, em uma situação em que se vê acusado injustamente por um crime que não cometeu. O pesadelo kafkiano de *O processo* transposto para o Brasil. A acusação aqui é baseada na pele e não importa o avesso: “Foi a primeira vez que você sentiu o ferro frio de uma algema nos pulsos. [...] E ser confundido com um bandido vai fazer parte da sua trajetória.” (Tenório, 2020, p.18-19).

Para sobreviver, portanto, deve-se abandonar a revolta. Não falar alto para não assustar, não fazer movimentos bruscos para não provocar uma reação violenta, silenciar-se e obedecer. Diz o manual de sobrevivência do negro no racismo. De forma concomitante ao primeiro passo, temos a conscientização. Não pensar sobre o racismo e não o questionar é uma forma também de silenciamento. A consciência de raça é uma arma crítica de interpretação da sociedade que é cerceada pelos pactos da branquitude que insistem em narrativas ideologicamente falsas como a democracia racial. A conscientização racial em *O avesso da pele* tem como palco a sala de aula, através de um educador, Oliveira Silveira². Jeferson Tenório faz uma justa homenagem ao escritor, poeta e ativista Oliveira Silveira, na forma do romance, é ele o educador que provoca os estudantes ao questionamento sobre o papel da raça em suas relações.

² Oliveira Silveira (1941-2009) foi um poeta e militante do movimento negro. Formou-se em letras pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Desempenhou atividades intelectuais e de militância ao longo de sua vida. É um importante poeta e escritor brasileiro tem uma ampla obra que versa sobre a questão racial.

Você ficou impressionado com aquele professor negro que falava de Shakespeare e Ogum com a mesma intensidade e beleza. A partir dali, sua vida não seria mais a mesma. Mas, enquanto isso, você e a Juliana partilhavam a mesma visão de mundo. Acreditavam que raças não existiam e que a humanidade era a única coisa que havia. Na primeira vez que ouviu falar em consciência negra, você não compreendia que a sociedade se importava mais com a sua cor do que com seu caráter. (Tenório, 2020, p. 29).

As recentes reações de censura e limitação da leitura da obra *O avesso da pele* em escolas públicas do Brasil é particularmente sintomático das reações da branquitude e seu objetivo de cerceamento do debate racial no Brasil. As formas de conscientização racial foram historicamente negadas. A ideia de neurose cultural brasileira, apresentada por Lélia Gonzalez (2020) é atual. Para a autora, no Brasil, forma-se uma mentalidade que ao mesmo tempo que naturaliza o racismo, o nega. A negação do racismo, ancorada ideologicamente no mito da democracia racial, é um fenômeno de fabulação brasileira, um mito que se produz para não encarar a realidade e os conflitos oriundos da exploração do negro. Na tentativa de censura à obra de Jeferson Tenório, a neurose cultural brasileira se mostra evidente, na medida em que se tentou a todo custo ocultar os sintomas do racismo. A negação é a marca do racismo brasileiro e, no cenário escolar, o ocultamento das violências raciais é particularmente problemático. Em *O avesso da pele* há um rascunho sobre a importância da conscientização racial na escola, na medida em que, o próprio escritor, ao situar a conscientização racial na escola, reforça o papel importantes das instituições escolares na formação de leitores e pensadores. Parte do pacto da branquitude liga-se ao fato do silenciamento da questão racial e de sua negação. A educação como uma prática da liberdade, ensina bell hooks (2017), deve promover a formação do estudante para refletir também sobre as contradições do seu tempo e se situar como protagonista no mundo em que está envolvido, ou seja, a educação como prática da liberdade deve libertar o estudante do encarceramento, das formas de controle social e romper com o silenciamento imposto pelo racismo e o sexismo. A censura da reflexão, da possibilidade de conscientização mediada pela literatura contribui com o encarceramento do pensar e perpetuação das injustiças do racismo.

A consciência de raça e o papel da escola neste processo de conscientização crítica possui um efetivo destaque na obra *O avesso da pele*. O professor Oliveira é o personagem que concretiza a memória daquilo que não se deve jamais esquecer. Leva o debate racial para libertar seus estudantes das grades da alienação. Na música *Strawberry Fields Forever* da banda The Beatles há um verso que diz “*living is easy with eyes closed / misunderstanding all you see*”. A conscientização racial segue o desconforto de enxergar que, muitas vezes, o racismo informa suas relações sociais e afetivas. O gesto do professor que educa para a liberdade: “Nunca se questionou por que era pobre, nunca se questionou por que vivia sem pai. Nunca se perguntou por que a polícia o abordava na rua com tanta frequência. A vida simplesmente acontecia e você simplesmente passava por ela.” (Tenório, 2020, p.32-33).

Mas se ao negro a questão racial é colocada como uma das lições do manual de sobrevivência e de seu desconforto com os dilemas advindos da compreensão do racismo é algo que ele deve lidar, os privilégios novamente são reafirmados, na medida em que ao branco a questão pode ser ignorada. Uma vez que ao sujeito branco a sua raça é universal, isto é, não existe a partir de um processo de conscientização, visto que se entende como “normalidade”, o trauma do questionamento racial e seus dilemas derivados não é faz parte de sua experiência formativa. Os personagens negros de *O avesso da pele* sofrem de um estresse oriundo da conscientização racial. Os personagens brancos simplesmente ignoram a questão, a negam e a reduzem. Inspirado nas aulas do professor Oliveira, o jovem Henrique reflete sobre a presença do racismo em seu relacionamento interracial. Sua namorada, uma mulher branca, age na normalidade da branquitude por meio da negação da existência do racismo. A branquitude não experimenta o estresse da reflexão racial, visto que, sua primeira atitude diante do problema do racismo é a negação, o silenciamento e o soterramento dos sintomas do racismo. O estresse racial do racismo recai sobre o negro como uma cicatriz de sua formação como sujeito.

Na verdade, passadas algumas semanas, ela começou a ficar incomodada com toda aquela história de raça, preconceito e negritude. Por vezes, ela chegou a pensar que o professor Oliveira não passava de um fanático e que

“você estava indo para o mesmo caminho. Mas ela não te disse nada de início, porque não tinha coragem e não queria te magoar.” (Tenório, 2020, p.34).

O lugar de privilégio da branquitude também se encontra na ausência de questionamento da atuação da sua raça no mundo. A ideia de Cida Bento (2022) para descrever uma branquitude acrítica nos ajuda a compreender a fuga do desconforto. O privilégio de não precisar refletir: “O privilégio branco é entendido como um estado passivo, uma estrutura de facilidades que brancos têm, queiram eles ou não. Ou seja, a herança está presente na vida de todos os brancos, sejam eles pobres ou antirracistas.” (Bento, 2022 p.63-64). A branquitude se expressa no privilégio da não-reflexividade quando Henrique questiona sobre o racismo recreativa da família de sua namorada e a discriminação racial que se dá na sutileza da “brincadeira”. Como se dissessem, já que o aceitamos entre nós, estamos autorizados a discriminá-lo. A namorada de Henrique responde pela negação do racismo: “Eles não são racistas, só não estudaram o que você estudou.” (Tenório, 2020, p.35).

A branquitude goza dos privilégios herdados do colonialismo e perpetua sua dominação a partir de pactos de exclusão dos negros e se escuda da revolta do preconceito negando a sua existência. A “brincadeira” da branquitude tem como consequência a erosão da autoestima negra, enquanto a identidade branca é inflacionada por meio de fabulações estéticas e históricas sobre si mesma. Na obra *O avesso da pele* a questão do racismo se coloca como uma pauta que, quando denunciada e criticada para pessoas brancas, é reduzida, silenciada e apagada. O racismo é como uma violência no qual as pessoas não reconhecem a autoria e o significado. Há também o desconforto de compreender os significados informados pelo racismo dentro de relações afetivas interracialis. O desdobramento do namoro de Henrique é representativo de uma incapacidade da branquitude em lidar com os desconfortos do racismo. Incapacidade construída sobretudo por uma insensibilidade ancorada na culpabilização das vítimas do racismo. A ausência de acolhimento racial é determinante para que as personagens ao longo de sua trajetória desenvolvam fraturas subjetivas que ossificam e

tornam o campo do afeto um lugar de aridez. As memórias dos pais de Pedro revelam o peso dessas fraturas afetivas, tanto em Henrique como em Martha³.

Para pincelar as notas finais sobre o batismo racial, destaco uma passagem de *O avesso da pele* em que a vestimenta emerge como um escudo para o negro. Não como uma forma de embranquecê-lo, mas como a forma de o construí-lo para além das imagens de controle do racismo. Do histórico de abordagens policiais que compõe o mosaico de memórias dos homens negros, Pedro rememora a percepção de seu pai. Costumeiramente visto como um criminoso ao vestir com uma jaqueta escura, ele percebe num processo de conscientização da violência racial o papel de suas roupas nas abordagens. Mesmo a espontaneidade no modo de vestir é retirada do negro. A roupa como forma de expressão no mundo, abre lugar para a vestimenta que abrande a violência racial.

Como num estalo, percebeu que o modo se vestiu poderia ser o motivo de haver recebido tantas abordagens policiais durante a vida. Assim, pelos próximos meses você cuidará da sua aparência, manterá o cabelo sempre bem aparado e curto, as roupas bem alinhadas e passadas. (Tenório, 2020, p.151).

391

No manual de sobrevivência do homem negro o vestuário é uma fantasia para o escape das imagens pejorativas atribuídas a ele. Não é uma fantasia como a utilizada pelos brancos para se desconectar dos problemas do racismo. Há neurose cultural brasileira de ocultar o

³ Martha, a personagem que é a mãe de Pedro tem sua trajetória afetiva atravessada pelo racismo. A personagem é uma mulher negra que se vê durante toda sua vida assombrada pelos estereótipos raciais que sexualizam e oprimem as mulheres negras no Brasil. A personagem de Martha é significativa para pensarmos o impacto da dupla exploração que Lélia Gonzalez (2020) destaca em seu ensaio *Racismo e sexismo na cultura brasileira* que descreve como a cultura brasileira naturalizou o racismo e a opressão da mulher negra a partir de imagens sínteses da cultura de opressão: a mulata, a doméstica e a mãe-preta. A mulata como a representação da sexualização e objetificação da mulher negra, a doméstica e a mãe-preta como imagens da cultura atreladas a exploração do trabalho doméstico. Desse cenário de dupla exploração, a mulher negra, alerta Lélia Gonzalez, deve ser pensada em seu repertório político de resistência. O primeiro casamento de Martha é com um homem branco chamado Vítor. Na convivência familiar ela sofre com a violência e a exploração. O fator definitivo do seu sofrimento é a sua pele, ou seja, o racismo da sociedade brasileira. Como mulher negra a violência sofrida passa a ser naturalizada. Tratada como empregada pela família branca, Pedro descreve a memória da mãe na situação em que é “sugerida” a “ajuda” no trabalho doméstico da casa da sogra: “*não estou falando só da casa de vocês, estou falando de tudo, e fez um gesto largo com um dos braços. Agora você é da família e isso significa que pode ajudar a manter a casa dos seus sogros limpa também. Uma moreninha forte igual a você pode ajudar bastante.*” (Tenório, 2020, p.79). Apesar de todas as violências que perpassam a sua trajetória, Martha consegue um movimento de ascensão a partir do ingresso no ensino superior.

racismo opera no âmbito daqueles que podem negar o racismo como um elemento estrutural da sociedade. A roupa como fantasia para o negro é na verdade uma elaboração que o conecta de forma mais concreta ao todo social. A fabulação aqui é uma forma de realismo. A limitação da espontaneidade se expressa na camada de objetos que cobre a pele, a roupa como um esconderijo do qual se busca sobreviver.

3. A BRANQUITUDE E SEU APARATO DE MORTE

O retrato da branquitude estabelecido em *O avesso da pele* sublinha os aspectos da consolidação de um braço do racismo institucionalizado nas formas de repressão do Estado. O narrador do romance situa no palco da memória a violência racial que tem como tentáculo a polícia e, mais do que isso, as representações e estigmas que assombram os negros em sua associação preconceituosa com a marginalidade. Os contornos do racismo brasileiro e sua expressão no genocídio do negro são representados no romance tanto em cenas do cotidiano em que, as abordagens policiais se orientam por critérios raciais de humilhação e perseguição, como também num próprio projeto de extermínio semi-consciente que permeia os sentidos da ação policial. As cenas que precedem ao assassinato do professor Henrique escancaram a violência policial que é ensaiada como o sonho do extermínio do negro. É como se o projeto de branqueamento da população, antes colocado em prática em um mundo de racismo livre escancarado, continuasse a se realizar no cotidiano das ações policiais. Neste ponto vale uma reflexão sobre a branquitude e seu aparato de morte. A morte de Henrique tem um contorno de um drama particular brasileiro, na medida em que ocorre quando todas as formas de conduta aprendidas no batismo racial dão margem para uma vida na espontaneidade.

Vocês tinham de estar lá. Vocês tinham que ver a cara deles quando comecei a ler, vocês tinham que ver o silêncio deles, vocês tinham que vê-los prestando atenção. Vocês tinham de conhecer o Peterson, tinham de ouvir o que ele tinha para dizer sobre o livro. Então, você abriu a pasta, ignorando os gritos do policial, os gritos de larga a pasta, porra. Você ignorou porque agora era a sua vez. Era a sua vez de ditar as regras. E a regra, agora, era seguir seu movimento, colocando a mão dentro da pasta. O primeiro tiro pegou no seu ombro, e foi como se você tivesse levado uma pedrada forte. O

segundo foi no peito, dilacerante, uma dor difícil, não tão forte como as outras dores que tocaram seu corpo, mas ainda uma dor difícil. O terceiro foi dado por ele pelo policial que vinha tendo pesadelos com homens negros invadindo a sua casa. (Tenório, 2020, p.176-177).

A cena do assassinato de Henrique é o ato final de uma vida atravessada pela violência policial. A existência do negro é concomitante com sua existência pública como o suspeito. Se a literatura do século XIX a partir dos escritos de Charles Baudelaire pensou a figura do *flâneur*, a saber, um pensador errante que perambula livremente pela cidade para descobrir, estranhar, refletir e criticar, no momento histórico atual percebemos que a errância nas cidades ainda é limitada para um tipo de sujeito que possui uma raça passaporte para o passear livremente. *O homem da multidão* de Edgar Allan Poe, aquele que transita para esquadrihar a vida social, investigar, como um detetive as formas da massa, mesmo esse personagem que some na multidão, é difícil ser pensado como um ser racializado. O caminhar sem direção, o desaparecer como forma de entender a realidade, na visada da literatura contemporânea é visto de forma crítica. Em *O avesso da pele*, o assassinato de Henrique se dá num momento de extrema felicidade, de realização intelectual após uma aula bem-sucedida sobre *Crime e castigo* de Dostoiévski. Ao negro não é permitido o perambular distraído pela cidade. Ele precisa constantemente permanecer estressado para sobreviver a rotina de violência policial. De um ponto de vista mais filosófico, a obra de Jeferson Tenório sublinha o privilégio da desatenção e do andar despreocupado, sem objetivo pelas grandes cidades. Se para a *flânerie* o perambular é uma afirmação da liberdade nas grandes cidades, na mesma medida em que é forma criativa, livre de objetivos, abertura para o desconhecido. A perambulação do homem negro é vista sob o olhar de suspeita, da vadiagem, do ócio que deve ser reprimido. Quem são os que podem andar livremente pelas cidades? Quem são os que podem caminhar sem intenção? Quem são aqueles que são os sujeitos sem motivos? Quem são os sujeitos universais?

A existência do negro é um fator de dissonância para a branquitude. Penso em branquitude como Cida Bento (2022) que sublinha o aspecto de homogeneidade branca e masculina em postos de poder e que se consolidou a partir do conjunto de desigualdades

históricas do capitalismo, do colonialismo e do racismo. A naturalização da supremacia branca é cultivada através da instrumentalização de uma falsa ideia sobre a meritocracia. O que se oculta com essa visão são as heranças históricas de exclusão da população negra e as formas de autoconservação da branquitude através da concentração de renda e de postos de poder. Ainda pensando com Cida Bento (2022), a branquitude ainda possui um caráter narcísico, na medida em que, visa rejeitar e repelir tudo aquilo que não se encontra em seu espelho.

A branquitude se enxerga como universalidade, ou seja, como ponto de visão não-valorativo, universal-humano, experiência primordial da existência. Ao se construir em critérios vazios de universalidade ela produz a criação do outro. O outro é o não-branco. Na cena mencionada anteriormente de *O avesso da pele*, o outro é construído na perspectiva do criminoso que deve ser eliminado, abatido, destruído e apagado. Como mensagem inconsciente, a cena do assassinato de Henrique é representativa de uma intenção de branquear o mundo. Do ponto de vista da branquitude, o negro é uma mancha de violência, anti-humanidade e de marginalidade. A representação perspicaz presente na narração de *O avesso da pele* revela que o extermínio do negro antes de ser concretizado, ele é sonhado, fabulado na narrativa atraente para a branquitude do medo da invasão negra. Diz Cida Bento (2022) em *O pacto da branquitude*: “Os negros são vistos como invasores do que os brancos consideram seu espaço privativo, seu território.” (Bento, 2022, p. 74). Os pesadelos do policial com a invasão dos homens negros são representativos do medo branco da invasão do seu território, isto é, da perda do seu protagonismo diante dos negros invasores.

O policial que assassina Henrique tem um sonho (pesadelo?) constante nas noites anteriores ao homicídio. “*Você teve outro daqueles pesadelos, não é?*” Ele não responde. Está ofegante, suando frio. É a terceira noite seguida que ele sonha com a mesma coisa: o apartamento sendo invadido por homens negros.” (Tenório, 2020, p.166). A diferença de sonho para pesadelo pode ser vista sob o prisma do objeto do medo. O medo da invasão dos homens negros transforma o homem negro no monstro. A saída do pesadelo é o sonho da eliminação do monstro.

De um ponto de vista reflexivo sobre o sonho da invasão dos homens negros, pensamos que a obra literária aponta para uma outra questão: o medo da perda de privilégios da branquitude e o medo da mudança que inclui os não-brancos. A “invasão” da casa pode ser lida na chave de uma metáfora para o momento social em que a universalidade vazia do homem branco passa a ser questionada pelos movimentos de contestação antirracistas e feministas. As “novas” vozes que emergem para o questionamento do racismo e do patriarcado “invadem” a esfera pública e colocam o homem branco no lugar, impensável para ele, do desconforto. O medo da invasão se confunde com um medo de um mundo que não é mais o reflexo do espelho da branquitude. Se antes elaboramos que a diferença entre sonho e pesadelo está no ponto de vista em quem é o objeto do medo, o homem branco ao ser questionado em seus privilégios e em suas formas de dominação histórica, se coloca no lugar de desconforto do criador do medo. Não somente ele é um objeto de medo, do pesadelo do não-branco, mas ele próprio desumaniza o outro para dar sentido aos pesadelos da branquitude.

A invasão dos homens negros como uma metáfora dos pesadelos da branquitude podem ser elaborados numa compreensão de crítica literária como sintoma de mudanças sociais contemporâneas. Bell Hooks (2017) ensina que abraçar a mudança do mundo, isto é, pensar um mundo inclusivo em que as experiências singulares serão respeitadas é um processo que, em última instância, coloca em desconforto sobretudo aqueles indivíduos que se beneficiam de um mundo de exclusão. O desconforto do branco que “descobre” o seu racismo, do homem que “reconhece” o seu machismo, são existentes na medida que os questionamentos colocados à estrutura de dominação de opressão racistas e machistas são consideradas com seriedade e profundidade. Quando os questionamentos por justiça social não são considerados de fato, a tendência dos sujeitos que se beneficiam da injustiça é o da negação.

A negação das pautas por mais inclusão de justiça social se expressa na insensibilidade diante das mudanças sociais. A perda de protagonismo do homem branco, por exemplo, é um dos aditivos para sua adesão irrestrita a políticas conservadoras e autoritárias da direita. O clamor por um mundo em que o sujeito branco não é questionado, está no pano de fundo de

uma política de identificações com o populismo de direita. Robert Kurz (1997) reflete o impacto dos debates progressistas que questionam as heranças do colonialismo nos temores da supressão do homem branco. Como síntese de uma organização social que se mantém pela produção de privilégios aos brancos e a exclusão dos negros, a branquitude patriarcal se consolidou na modernidade a partir do silenciamento das vozes que a questionavam. O desconforto presente é um reflexo dos ecos das vozes que tensionam a base imaginária da sociedade ocidental e desvelam as condições propriamente patológicas de produção de uma política de morte e desumanização social.

No romance *O avesso da pele* de Jeferson Tenório, a construção do negro como objeto do pesadelo do branco sublinha um encarceramento de uma existência que somente se permitir existir quando exclui. Ou seja, na forma do registro literário, retrata o desconforto da branquitude em pensar um mundo que não é mais seu reflexo. As condições objetivas para o rompimento do pacto narcísico da branquitude são concretas, na medida em que o questionamento da desigualdade sinaliza um mundo com mais presença negra nos postos de poder. Mas, por outro lado, ela também tem um lado subjetivo, vaidoso no sentido mais narcísico do termo. Ao se ver refletida no lago uma imagem que não é sua, o Narciso branco buscou a morte da imagem. Do pesadelo da invasão dos negros, ele buscou por sua afirmação violenta no mundo, um sonho do mundo sem negros. O pesadelo que atormenta o policial de *O avesso da pele* é uma metáfora que sinaliza as reações da branquitude diante de um mundo em que seus privilégios são questionados.

4. INTRUSOS NO MUNDO

Estar no mundo como um intruso, sentir-se um apátrida. Do mosaico de violências produzidas pelo racismo, há uma em específico que corrói as formas internas de autodeterminação do negro: a destruição da sua autoestima. No romance *O avesso da pele* os personagens de Pedro e Henrique são consumidos por um sentimento de ausência, incompletude. As fraturas na autoestima são transmitidas como uma herança entre as trajetórias de vida de pai e filho no mundo do racismo. Sentem-se na falta da beleza,

incapazes de amar. A violência racial impõe ao negro um padrão de beleza que é o da branquitude (Souza, 2021; Bento, 2022). No processo de socialização o padrão de beleza branco se coloca como um fantasma para a criança negra, na medida em que, em sua condição inalcançável, assombra os dias como um ideal impossível. Em tempos de racismo livre, a ausência de referências de beleza negra demonstra o caráter excludente do racismo e sua produção de identidades inferiorizadas. No romance de Jeferson Tenório, o tema da autoestima aparece já nas primeiras páginas, quando ao rememorar a adolescência de seu pai, Pedro relembra a presença da ideia de feiura: “Vocês eram magros demais, feios demais. Então, para compensar, vocês reboavam, suavam e nunca erravam os passinhos. Mesmo assim vocês não tinham chances.” (Tenório, 2020, p. 25). A marca do pejorativo, do feio, recai sobre o jovem negro com o peso da solidão. Ser rejeitado é uma das condições na qual ele se acostuma como parte de um processo violento do racismo para inferiorizá-lo. O sentimento de ser um intruso no mundo se instala na identidade e tornar-se uma cicatriz que simboliza o trauma da imposição dos padrões de beleza da branquitude.

O crítico literário Alfredo Bosi (1992) no livro *Dialética da colonização*, ao analisar a obra de Lima Barreto, argumenta sobre a ideia do “exílio na pele” vivenciada pelo escritor. No contexto pós-abolicionista, a população negra é abandonada e a sua inserção social limitada pela força da estruturação das relações coloniais racistas. Bosi (1992) demonstra o lugar da crítica em Lima Barreto: “Como um observador que se sabe vencido, mas não submisso à máquina social.” (Bosi, 1992, p.267). O negro na literatura brasileira, exilado em seu próprio país, reúne forças para a crítica e a insubmissão no avesso da pele. Seguindo a teoria literária do autor, podemos pensar no movimento de crítica como um processo de libertação dos encarceramentos cotidianos, na objeção às imagens de controle e da superação da dialética entre a liberdade e confinamento. A consideração sobre Lima Barreto, pode ser pensada no caso da literatura afro-brasileira contemporânea: “A pele, figura de identidade, à via de fronteira entre o olhar do outro e o espaço íntimo, vai repontar entre outro contexto.” (Bosi, 1992, p. 271). Ou seja, na luta por uma libertação social, os escritores de literatura afro-brasileira investem em narrativas que desvelem os conflitos da dialética entre o

encarceramento e a liberdade e fundamentem uma crítica social fundamentada numa crítica cultural melancólica.

Eduardo de Assis Duarte (2010), em seu texto sobre *Por um conceito de literatura afro-brasileira*, sublinha os atributos para a autoria negra. A condição das temáticas que expõe o universo da afro-brasilidade, a questão da autoria afro-centrada entendida como uma discursividade integrada ao material estético e literário, a questão do ponto de vista como registro da experiência do olhar da negritude, a linguagem como forma de ressignificar sentidos hegemônicos da língua e a relação com um público leitor negro, são pontos fundamentais para a definição de literatura afro-brasileira para Duarte (2010) e, para entendermos os fundamentos deste texto, são essenciais para compreendermos um olhar crítico que atua introjetado na objeção às hierarquias estruturadas pela branquitude, o colonialismo, o patriarcado e a o capitalismo. A literatura afro-brasileira contemporânea, portanto, fundamenta-se por uma forma específica de observação e crítica da cultura. Conceição Evaristo e sua concepção de *escrevivência* dão o mote para tal postura de uma intelectualidade afro-brasileira: “A nossa *escrevivência* não pode ser lida como histórias para ‘ninar a casa grande’ e sim para incomodá-los em seus sonos injustos.” (Evaristo, 2005, p.4).

Ser intruso no mundo também significa não se sentir merecedor do amor. Ao compreender o impacto do racismo nos afetos, a conscientização não liberta, na verdade, instala um sintoma do desconforto no negro. Para o branco, vale ainda apostar na diluição da opressão no encontro das raças. Quando Henrique e sua namorada, antes do rompimento, pensavam sobre a questão do racismo, refletiam: “O afeto transcende a cor da pele, vocês pensavam.” (Tenório, 2020, p. 28). Se para o branco o parceiro negro não é uma questão, afinal impera a ilusão da irrelevância da raça, ao negro os olhares dos outros, os julgamentos e as desconfianças surgem sempre como olhares que incomodam. Quando está sozinho e entra numa loja Henrique sente a desconfiança e o olhar agressivo dos presentes, mas quando entra com sua namorada branca, lemos em *O avesso da pele*: “Quando você entrava sozinho numa loja e recebia um tratamento frio e desconfiado por ser negro, se dava conta de que, quando Juliana entrava e te beijava, os vendedores te tratavam melhor. Uma mulher branca com um negro, ele deve ser um bom homem.” (Tenório, 2020, p.30).

Os olhares do racismo confirmam o branco como a cor da respeitabilidade e do bom tratamento. Sem ele, ao negro, cabe a recepção hostil e violenta. A ideia de que o amor é um sentimento transcendente pode ser verdade no âmbito subjetivo, diríamos existencial. Porém, ao pensarmos dentro do mosaico de relações em sociedade, o amor passa também a ser objeto de transmissão das violências raciais. Desde os escritos de Frantz Fanon de *Pele negra, máscaras brancas*, sabemos da imposição inconsciente do racismo no âmbito dos afetos e do desejo⁴.

Nesse aspecto, ao longo das páginas de *O avesso da pele*, lemos a situação do homem negro como a de um intruso do mundo. O seu encaixe se mostra impossível na realidade clara da branquitude. Para existir aprende os manuais de enfrentamento do racismo contra a violência do Estado, mas também contra as formas sutis das dores do amor. Intruso no mundo também dos afetos, na medida em que, não se acha merecedor de receber o amor. Bell Hooks no livro *Tudo sobre o amor* diz: “Nós aprendemos sobre o amor na infância. Seja no nosso lar feliz ou problemático, na nossa família funcional ou disfuncional, é essa a primeira escola do amor.” (hooks, 2021, p.10). Os intrusos no mundo também aprendem que o amor é um sentimento raro e que, em muitos casos, eles não o merecem.

A obra atravessa a questão do abandono paterno. Em primeiro lugar como cicatriz presente em várias gerações da família de Pedro e Henrique, e, também, como uma das percepções de angústia e sofrimento da família. Henrique pensa no abandono como um fator vergonhoso, permanece em seu casamento para não se relacionar com a vergonha de abandonar um filho, permanece, infeliz, mas permanece: “Talvez você achasse que seria até aceitável, e menos vergonhoso, deixar minha mãe, mas não abandonar um filho, com tão pouca idade.” (Tenório, 2020 p.46). A própria relação entre pai e filho é atravessada por um

⁴ Sobre a relação entre Henrique e Juliana, vale destacar uma reflexão sobre o relacionamento interracial presente em *O avesso da pele*, a saber, sobre a questão da assimilação do negro à família branca e o modo como o racismo coloca-se no cotidiano. A reflexão se aproxima da contribuição de Fanon para a compreensão da relação entre desejo e raça: “O amor estava condicionado e mediado pela raça. O afeto e o desejo, dependentes de mais ou menos melanina. Em seguida, o namoro de vocês evoluiu para uma aliança de compromisso. Assim, os almoços na casa da avó de Juliana com os tios e os primos dela começaram a ficar ainda mais frequentes. A intimidade com o negão da família aumentou. As piadas sobre negros agora eram contadas sem nenhum pudor. Eles te tornaram cúmplice. No início você ria, porque queria continuar agradando e mostrar que era superior a tudo aquilo, mas, aos poucos, você ia sentindo que não queria mais ouvir certas coisas.” (Tenório, 2020, p.31).

distanciamento. Henrique de certa maneira sente a necessidade da preparação de seu filho para o mundo, entendendo que tal formação passa por uma consolidação de uma força antirracista. O afeto é transmitido na forma de um cuidado para o enfrentamento do racismo e, embora possamos entender o cuidado como uma linguagem do amor, seu filho sente a ausência de um amor que passa por outras linguagens afetivas, um amor mais abrangente, que envolva um carinho e um sentimento paternal de presença. A violência racial em seus desdobramentos tentaculares também é responsável pela frieza do afastamento entre pai e filho no romance. Na ânsia por preparar o filho para a crueza do mundo racista, o pai assume um distanciamento afetivo, que não significa ausência de afeto, mas sim, o esforço de uma preparação rígida para as formas de violência do racismo.

Há nesse aspecto uma combinação contraditória entre o medo e amor nas famílias de *O avesso da pele*. O medo da violência atravessa as relações e dá outras tonalidades para o amor, muitas vezes, expresso como um cuidado para a defesa do racismo. As famílias negras, assim, perpassadas por experiências de dor do racismo transmitem tais cuidados como o afeto. Outra vez, o abandono da espontaneidade do negro encontra-se marcado. Amar passa a significar preparar o filho dentro dos processos de conscientização do racismo e ensiná-lo os manuais de sobrevivência racial, como dissemos antes.

Ser intruso no mundo é entender que mesmos os sentimentos mais sublimes são permeados pelas dores do mundo. O amor floresce na intersecção dos medos e sofrimentos do passado. Da fusão confusa do amor com o medo criam-se formas de habitar o mundo. Ser intruso do mundo significa aprender a existir nas brechas, nos pontos de sossego em que o amor e medo constroem morada.

Você passa uma boa parte da vida apanhando e ainda te dizem que você não pode fazer certas coisas. Que você não é capaz. E para sobreviver, porque é assim que você vê a vida: um tumulto vital com o qual você tem de lidar apesar da cor da sua pele. Você não só mostra que é capaz, como também precisa mostrar que é sempre melhor. E quando você falha, quando você cai, você precisa abrir mão da autopiedade, mesmo que seja a sua única bengala, mesmo que haja um mundo nefasto ao seu redor, é preciso ser honesto com seus afetos. Mas isso dói. E às vezes não se quer ter essa coragem. E ainda assim, por mais que você seja sincero consigo, por mais que você derrube as

ilusões, sobrar sempre aquela dúvida sobre suas reais capacidades. E essa é a perversidade do racismo. Porque ele simplesmente te impede de visitar os próprios infernos. (Tenório, 2020, p. 85-86).

5. ÚLTIMAS CONSIDERAÇÕES

Na forma da crítica literária, o presente ensaio rascunhou uma leitura sobre o romance *O avesso da pele* de Jeferson Tenório e o contextualizou num cenário de teoria literária e dos estudos das relações étnico raciais e de afro-brasilidade. O movimento apresentado neste ensaio foi o da reflexão que examina o texto literário como um documento histórico, cultural e estético. Dessa forma, a avaliação das reflexões sobre as trajetórias de vida dos personagens, a questão do racismo e a crítica à branquitude, foram combinadas como uma avaliação estética da obra, isto é, com um olhar para o desenho específico produzido pela narração de literatura. Na forma dessa crítica literária, o duplo olhar se mostrou necessário para tanto conferir valor estético ao texto, como também para sugerir correspondências com o contexto. Assim, na forma de uma crítica literária, este ensaio rascunhou um desenho das contradições que perpassam tanto o texto e o contexto do romance, mas também tentou-se vincular as mesmas contradições no registro da sociedade. A narração que direciona a uma crítica cultural, o olhar do exilado, intruso no mundo, fundamentam as construções propositivas da literatura afro-brasileira, que vimos neste ensaio, a partir do recorte da obra de Jeferson Tenório.

401

O destino literário de *O avesso da pele* é mostrar com profundidade um retrato dos conflitos da formação do homem negro. Os desafios para uma construção subjetiva em oposição às tendências à desumanização dos afetos e de seus desejos. As projeções de um futuro e a imposição da inadequação como um fantasma que assombra o negro. Os dilemas para o enfrentamento do racismo e o amor e as dores presentes no batismo racial e a naturalização de manuais de sobrevivência. O livro sublinha uma formação coletiva que se ergue de uma ancestralidade negra. A narração que privilegia a trajetória de vida dos pais como mediação para a investigação e da formação do próprio narrador sugere tal movimento. O romance sublinha o enoitecimento dos afetos, o escurecer formativo, um caminho para a negritude.

REFERÊNCIAS

- BENJAMIN, Walter. *Der Surrealismus. Die letzte Momentaufnahme der europäischen Intelligenz*. In: **Gesammelte Schriften II**. Frankfurt am Main: Suhrkamp, 1991.
- BENTO, Cida. **O pacto da branquitude**. São Paulo: Companhia das letras, 2022.
- BOSI, Alfredo. **Dialética da colonização**. São Paulo: Companhia das letras, 1992.
- DUARTE, Eduardo de Assis. **Por um conceito de literatura afro-brasileira**. Terceira Margem. Rio de Janeiro, número 23, 2010.
- EVARISTO, Conceição. **Da grafia-desenho de minha mãe um dos lugares de nascimento de minha escrita**. Texto apresentado na Mesa de Escritores Afro-brasileiros, no XI Seminário Nacional Mulher e Literatura, Rio de Janeiro, 2005.
- GONZALEZ, Lélia. **Por um feminismo afro-latino-americano: ensaios**. Rio de Janeiro: Zahar, 2020.
- hooks, bell. **Tudo sobre o amor: novas perspectivas**. São Paulo: Editora Elefante, 2021.
- _____. **Ensinando a transgredir: a educação como prática da liberdade**. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2013.
- KURZ, Robert. Supressão e conservação do homem branco – uma visão retrospectiva do colonialismo e anticolonialismo no limiar do século XXI. In: **Os últimos combates**. Petrópolis, Rio de Janeiro, Vozes, 1997.
- SOUZA, Neusa Santos. **Tornar-se negro ou as vicissitudes da identidade do negro brasileiro em ascensão social**. Rio de Janeiro: Zahar, 2021.
- TENÓRIO, Jeferson. **O avesso da pele**. São Paulo: Companhia das letras, 2020.